

## Módulos de Formação opcionais

- ANI 1041 ANIMAÇÃO DE ADULTOS  
ANI 1101 ACOLHIMENTO E INTEGRAÇÃO  
DE JOVENS DEFICIENTES  
ANI 1102 COEDUCAÇÃO (6 AOS 10 ANOS)  
ANI 1103 COEDUCAÇÃO (11 AOS 17 ANOS)  
ANI 1104 JOVENS EM DIFICULDADE  
ANI 1105 EDUCAR HOJE  
ANI 1107 GRANDES JOGOS  
ANI 2006 AGENTE DE DESENVOLVIMENTO  
ESPIRITUAL
- ESO 1201 SÍMBOLOS E TRADIÇÕES  
ESCUTISTAS  
ESO 1202 ESCUTISMO INTERNACIONAL  
ESO 1203 ESCUTISMO E MEIO AMBIENTE  
ESO 1204 ESCUTISMO E OS PAIS
- GES 1302 ORGANIZAÇÃO DE UMA GRANDE  
ACTIVIDADE  
GES 1303 GESTÃO DE CONFLITOS  
ENTRE ADULTOS  
GES 1304 MATERIAL E EQUIPAMENTO  
COLECTIVO  
GES 1305 RECONHECIMENTO DO  
VOLUNTARIADO  
GES 1306 PLANO DE ACÇÃO LOCAL - P.A.L.  
GES 2012 FINANCIAMENTO 2
- TEC 1045 COMUNICAÇÕES E JOTA / JOTI  
TEC 1401 ACAMPAMENTO DE VERÃO  
TEC 1403 PUBLICIDADE  
**TEC 1404 EXPRESSÃO  
E FOGOS DE CONSELHO**  
TEC 1405 SOCORRISMO  
TEC 1406 ORIENTAÇÃO (CARTA  
TOPOGRÁFICA E BÚSSOLA)  
TEC 1408 PUBLICAR UM JORNAL ESCUTISTA  
TEC 1409 NATUREZA: FAUNA E FLORA  
TEC 1410 PIONEIRISMO E FROISSARTAGE  
TEC 1411 FALAR EM PÚBLICO  
TEC 1412 ESCUTISMO MARÍTIMO

# Formação Modular

## EXPRESSÃO E FOGOS DE CONSELHO

TEC 1404

**Primeira edição  
Abril de 1999**



**Centro de Formação de Dirigentes do C.N.E.  
Vale da Ursa - Serpins  
Região de Coimbra**

# EXPRESSÃO E FOGOS DE CONSELHO

## Objectivos específicos

1. Adquirir conhecimentos sobre o valor pedagógico da expressão no escutismo.
2. Conhecer as técnicas de expressão mais populares entre os jovens.
3. Estar em condições de as ensinar no âmbito do método escutista.
4. Ser capaz de organizar e de animar um fogo de conselho ou uma velada escutista.

## Conteúdos

### 1. A expressão no escutismo

A expressão é algumas vezes considerada como um "parente pobre" nos programas das actividades do escutismo. No entanto Baden-Powell, o fundador do Movimento, adorava as actividades de expressão, em particular o teatro. Escreveu, no *Manual do Lobito*:

*"Outro processo de educação moral valioso e apreciado consiste em vestir-se com a indumentária apropriada e representar pequenas peças. Às vezes vale a pena relacioná-las com as histórias que se contaram. Não preciso de enumerar as suas vantagens: expressão, concentração de espírito, educação da voz, imaginação, ternura, graça, atitude, disciplina, ensinamentos históricos e morais, domínio da timidez, etc. <sup>1</sup>".*

Baden-Powell escreveu também: *"O canto e as representações são duas excelentes actividades de expressão. De resto, elas comportam um bom trabalho de equipa, onde cada um aprende o seu papel par o desempenhar bem, não para se aplaudir a si próprio, mas para o sucesso do espectáculo no seu conjunto <sup>2</sup>".*

Desde sempre, o escutismo fez esforços para promover a expressão junto dos jovens. A maioria das associações escutistas criaram insígnias de especialidade (ou insígnias de competência) neste domínio, os repertórios dos cânticos escutistas abundam <sup>3</sup> e se revelam na história do escutismo as iniciativas que desembocaram em verdadeiros empreendimentos de criação ou de interpretação artística.

O que é a expressão?

Mas justamente o que entendemos como "expressão"? A expressão é com efeito um termo muito geral daquilo que podemos aplicar à maioria das actividades. Contudo, certas actividades são mais "expressivas" que outras; elas convidam os jovens a fazer qualquer coisa perante os outros, a extrair dos seus recursos para entreter, divertir, informar os outros, ou então para lhes comunicar os sentimentos, as emoções. Falamos assim de expressão artística.

Deste modo, cada jovem pode desenvolver a sua personalidade, ao mesmo tempo que certas capacidades intelectuais e sociais, que constituem dois dos objectivos fundamentais do escutismo <sup>4</sup>.

## 2. Os meios de expressão

Na vida duma unidade escutista, os meios de expressão mais utilizados são o canto, os aplausos ritmados, a dança, a mímica, os "sketches" e as histórias. A base de toda a expressão, é contudo a linguagem. É preciso não esquecer que uma das primeiras aprendizagens consiste em aprender a comunicar eficazmente com os outros pela fala.

### Cantar

Em geral, os jovens gostam de cantar, mesmo que não cantem afinadamente ou se a sua voz não seja muito agradável. A gente nova é sensível a uma bela canção e gosta de cantar em grupo. A canção e a música é algo necessário para os jovens, porque a canção é voz, é grito, é lamento, é testemunho das suas mais profundas aspirações. Onde há jovens, aparece sempre uma guitarra e todos começam a cantar. É uma forma de comunicação e expressão quente e juvenil, capaz de criar festa.

Se uma unidade escutista canta pouco ou não canta, poderá ser porque:

- a equipa de animação não gosta de cantar;
- repertório é sempre o mesmo;
- as canções propostas são muito difíceis;
- a escolha das canções não corresponde aos gostos dos jovens;
- os jovens não conhecem a letra ou a música;
- a equipa de animação faz outra coisa enquanto os jovens cantam.

É necessário gastar algum tempo apresentando as canções. Os cancioneiros e as cassetes existem para os ensinar. Diversos tipos de canções são susceptíveis de agradar: canções folclóricas, cânones, canções escutistas tradicionais, canções populares, canções cómicas, canções com gestos...

Se os jovens desafinam ou cantam mal, não é importante. A unidade escutista não é um coro, mas uma alegre banda de amigos que se exprime cantando, que se diverte cantando.

## Para ensinar as canções aos jovens

Para ensinar as canções aos jovens, o facto de conhecer a música e saber tocar um instrumento musical são os trunfos. Mas não são condições indispensáveis. A mais importante é sem dúvida gostar de cantar. Antes de propor uma canção, o animador deve-a conhecer bem, quer a letra quer a música.

As canções que agradem a todos, serão muito mais fáceis de cantar. Tanto melhor se se adaptarem a um jogo, os jovens aprenderão muito mais facilmente. É igualmente muito mais fácil ensinar uma canção que tenha um sentido para a unidade, por exemplo que esteja ligada ao tema do acampamento ou a uma outra actividade, a uma cerimónia, que possa criar um sentimento de pertença.

Pode-se, em certas ocasiões, fazer com que os jovens escutem as canções através de discos ou cassetes. Eles aprenderão muito mais facilmente uma canção de que gostem ou esteja "na moda". Aliás, as canções que aprendem mais facilmente são provêm muito frequentemente dos discos e da rádio.

É muito raro que uma canção seja desconhecida de todos. No início do ano, os aspirantes não conhecem todo o repertório musical da unidade. Porque não fazer apelo à experiência dos membros mais antigos da unidade? Se se estimular os membros mais antigos da unidade a cantar o repertório da unidade, os mais jovens acabarão forçosamente por aprender essas canções.

A aprendizagem duma canção nunca deverá ser muito prolongada, visto que é a fase mais aborrecida do canto. É por isso que se deve privilegiar as canções ou as lengalengas simples, em especial com jovens pouco habituados a cantar a aprender novas canções. Para as canções um pouco mais difíceis ou complicadas, eis algumas técnicas de ensino.

Copiam-se as palavras em folhas ou no quadro. O animador lê uma vez, e depois lêem todos. Num segundo momento, ouvem a canção. Pode ser cantada pelo animador. Mas, na grande parte dos casos, é escutada num gravador. Num primeiro momento, escutam todos a canção. Em seguida, tentam cantar, com o apoio da cassette. E assim sucessivamente, até não ser necessário o suporte sonoro da cassette, e todos cantarem com segurança.

É evidente que o animador encontrará a melhor forma de ajudar a aprender a canção. Mas estará atento ao seguinte:

- canta-se melhor de pé que sentado.
- é bom saber o texto de memória.
- entoar em tom justo: nem muito alto nem muito baixo.
- os jovens gostam de canções com ritmo. E querem um ritmo mais vivo que aquele que os adultos gostam.
- quando se está a cantar, não interromper, mas dar as instruções com gestos: mais piano, menos forte, mais suave...
- não deixar que gritem, que forcem a voz.
- fazer com que se observem as "nuances" num cântico.

- não repreender em público um que desafinou.
- não esquecer que o cântico é um momento de alegria de todos: que haja festa, que todos se sintam alegres.
- não é obrigatório cantar todas as estrofes de um cântico. E também se podem construir novas estrofes, se houver um poeta no grupo.
- convidar todos a ritmar o cântico com as mãos.

### A propósito do repertório escutista tradicional

A tradição escutista é rica de canções de todos os géneros, que se transmitiram de geração em geração escutista. Admiravelmente, algumas canções mantiveram a aceitação dos jovens ao longo de dezenas de anos. Este repertório é de uma riqueza importante, mas como toda a tradição, ele pode evoluir <sup>5</sup>. É de referir que:

- um bom número de canções ditas escutistas não tiveram origem no escutismo, são provenientes de diversas fontes (folclore, repertório militar, colónias de férias, outros movimentos de juventude...); quase sempre, foram compostas com novas letras e com músicas populares;
- encontramos na realidade algumas canções escutistas originais no repertório; nos últimos anos aparecem algumas editadas em cassete e em CDs.
- por ocasião dos vários aniversários do movimento ou acampamentos regionais ou nacionais e jamborees mundiais <sup>6</sup> aparecem novas canções.

### Canções e valores escutistas

Dá-se muito pouca importância às letras das canções que cantamos, de tal modo que a música e o ritmo se apresentam predominantes na maior parte dos casos. Porém, toda a canção (escutista ou não) contém uma "mensagem". A música de uma boa canção dirige-se à pessoa toda inteira, sobretudo à sua sensibilidade, ao seu coração, à sua imaginação. O canto traduz um leque muito largo de sentimentos, de emoções e de descobertas. Certas letras das canções do repertório escutista encontram-se por vezes desordenadas, mas encontra-se lá a mensagem: a fantasia e bom humor são com efeito características do espírito escutista.

Podemos chegar ao ponto em que jovens cantem canções cujas letras colidam com valores escutistas. Não se pretende aqui sugerir a interdição dos jovens cantarem tais canções (a menos que as letras sejam decididamente rancorosas ou maldosas), mas porque não suscitar uma discussão ou uma reflexão sobre a mensagem das canções?

Por outra via, não devemos hesitar em fazer realçar os valores subtendidos nas letras das mais belas canções do repertório escutista, e não exclusivamente cânticos das orações.

## Os cancioneiros

Qual é a utilidade dos cancioneiros? Sumariamente, existem dois tipos de cancioneiros escutistas: os cancioneiros que apresentam canções com letra e música, e os que contêm exclusivamente as letras.

As publicações do primeiro tipo permitem que se aprendam novas canções, na condição de que os utilizadores saibam ler a música; as publicações do segundo tipo recordam aos seus utilizadores as letras das canções das quais eles conhecem a música. Este tipo de cancioneiro é sempre útil numa unidade escutista, mas é necessário ter em consideração que um certo número de jovens, sobretudo os mais jovens, não sabem ler ou lêem com dificuldade. Por outro motivo, um cancioneiro é de fraca utilidade na penumbra, como por exemplo num fogo de conselho; muito dificilmente se consegue decifrar as frases, mesmo com a ajuda duma lanterna.

Recomenda-se a todas as unidades a obtenção de diversos cancioneiros dos dois tipos, não para distribuir aos jovens, mas de preferência como referência para aprendizagem de novas canções de forma a constituir um verdadeiro repertório da unidade. Só repertório da unidade deverá ser distribuído aos jovens. É inútil para eles procurar um ou vários cadernos contendo canções que eles não conseguem aprender sozinhos. O que é importante para eles, é ter na mão, na ocasião propícia, o repertório das canções da unidade.

Um pequeno caderno de argolas e com folhas soltas é o ideal. Em cada, pode-se acrescentar ou trocar folhas. Vamos ensinar uma nova canção? Reproduz-se uma folha nova, que se distribui aos jovens para que eles a insiram no seu caderno.

## Os aplausos

Os aplausos são também um dos meios de expressão mais populares no escutismo. A maioria são breves e divertidos, e contribuem fortemente para solidificar o espírito da unidade e do agrupamento. Servem para mostrar o bom humor, a agradecer ou a felicitar, a festejar um sucesso, a cumprimentar, a acolher as visitas, para a despedida...

Existem diversos tipos de aplausos:

- os aplausos compassados;
- os gritos ou algumas frases (aplausos falados);
- curtas lengalengas (aplausos cantados);
- mímicas (aplausos mimados).

Para executar bem um aplauso, é necessário que os jovens o conheçam e que sejam praticados; é também necessário um orientador (animador) que lança o aplauso e comanda o ritmo. Os jovens podem muito bem desempenhar esta tarefa. Podem também inventar novos aplausos.

## As danças

Várias canções comportam gestos ou passos e poderão ser consideradas como danças. É de referir que uma parte da unidade pode cantar a canção enquanto a outra dança, revezando-se de forma a evitar que os dançarinos fiquem muito ofegantes.

O repertório folclórico internacional é rico de danças e fáceis de aprender. Neste caso, é preferível aprender e executar estas danças com bandas sonoras (discos ou cassetes) apropriadas. A tradição escutista propõe igualmente certo tipo de danças que são sempre divertidas de efectuar perante os convidados ou em ocasiões especiais; citemos nomeadamente as "danças da selva" nos lobitos.

Pode-se também criar uma coreografia com uma música que apaixone os jovens. Pode incluir uma série de movimentos a executar seguindo a música ou então com uma história dançada que os jovens tenham inventado.

## A mímica (pantomina)

Uma outra técnica de expressão divertida e muito acessível é a mímica. É a forma de expressão comunicada por meio das expressões do rosto e dos gestos. É a imitação com mímica. Na mímica, o importante é o gesto, embora se associem outros elementos secundários que lhe dão mais força: o som (palavras e música), as roupas, as máscaras, os adereços.

É evidente que a mímica é uma arte, e como tal precisa de ser aprendida. E toda a gente pode ser formada a expressar-se com o gesto, aperfeiçoando a forma de comunicação com o corpo, e sensibilizando-se à beleza de um gesto. Nesta aprendizagem, o rosto é sem dúvida aquela parte do corpo que mais pode comunicar.

Para tal, existem técnicas de expressão corporal, existem exercícios que se encontrem facilmente em livros de especialidade. Exercícios de descontração e exercícios de expressão de sentimentos variados: alegria, dor, angústia, esperança. E também movimentos vários, assim como vários jogos. Eis um exemplo de um jogo muito simples - "os passos dos animais" - todos os jovens se põem em círculo, girando no sentido contrário aos ponteiros do relógio. O animador (que gira juntamente com os jovens) propõe caminhar segundo o passo de alguns animais: vaca, canguru, macaco, rã... e todos começam a caminhar conforme o animal proposto. De vez em quando diz: "Passo!" e voltam a caminhar normalmente. Se o espaço é limitado e muitos os participantes no jogo, podem deixar-se liberdade de direcção no campo aos passos dos animais.

## Os sketches (pequenas dramatizações)

A maioria dos jovens gostam de representar comédias. Não faltam pequenos textos a dramatizar, que se chamam comumente sketches. Este meio de expressão é muito rico, permitindo nomeadamente explorar a imaginação dos jovens e os seus talentos de actores.

É também um excelente meio pedagógico. Os sketches podem ilustrar a Lei escutista, os episódios de história temática da secção (apresentação das "caçadas", "aventuras", "empreendimentos" e "caminhadas"), ou situações reais da vida dos jovens. Podem também apelar à fantasia e ao humor,

mas um sketch não é forçosamente forçosamente um número cómico. Pode ser admirado o sentido dramático de determinados jovens.

A escolha ou a criação de sketches pelos jovens permite à equipa de animação conhecê-los melhor, quer sobre o seu imaginário (produções favoritas, heróis, modelos...) quer as situações reais em casa ou na escola, e sobre algumas das suas preocupações..

Eis algumas instruções para facilitar o sucesso dos sketches::

- escolher um tema ou um título;
- prever um curto período de preparação para desenvolver o tema e distribuir os papéis;
- limitar a duração de cada sketche a alguns minutos;
- apresentar os actores e actrizes;
- impor regras de conduta e de linguagem (nada de violência ou de vulgaridade);
- evitar a cacofonia ou o desenvolvimento de várias acções ao mesmo tempo;
- utilizar um mínimo de acessórios.

O sketch pode ser utilizado como ponto de partida para uma reflexão ou como ponto de chegada, depois de um itinerário de aprofundamento duma experiência de vida, humana ou cristã.

O sketch poderá ser desenvolvido ao ponto de se tornar uma peça de teatro. Esta actividade exige muito mais preparação e pode mesmo tornar-se um projecto completo. Pode utilizar-se um texto já escrito ou compor um. E mesmo que existam jovens que não tenham lugar na peça, todos poderão ter uma responsabilidade: decoração, iluminação, sonorização, maquilhagem...

## As histórias

Os jovens gostam imenso de ouvir histórias, mas gostam principalmente de as contar. Eis formas de procedimento que permitem aos jovens contar histórias dentro espírito escutista:

- um jovem começa uma história e para após 30 segundos; um outro continua e dá sequência à história, depois um terceiro e assim por diante;
- após a escolha de um tema (para um acampamento ou um projecto), pede-se a cada equipa que invente uma história sobre esse tema;
- os jovens aprendem as lendas e contam-nas numa velada ou num fogo de conselho.

Os jovens podem também contar histórias com mímica ou com gestos que façam apelo à participação de todos. Por exemplo, os espectadores serão convidados a executar ruídos ou sons associados a certos vocábulos. Numa história onde existe um gato, os jovens miam cada vez que ouvirem o vocábulo gato.

Se existir vento, eles imitam o barulho do vento; se chove, eles batem com os dedos, etc. Podemos assim fazer mimar toda uma história.

### A arte de contar uma história

Saber contar uma história é uma arte que se cultiva. Não é fácil captar o interesse dum jovem auditório irrequieto, pouco inclinado a concentrar-se e habituado a "zapar" logo que esteja aborrecido. Convém referir aqui alguns trunfos:

- a dicção é muito mais importante que a força da voz; não é necessário gritar para contar uma história, mas é necessário fazer que cada palavra seja entendida;
- local deve favorecer a concentração: os jovens reúnem-se em redor do contador, a iluminação não deve ser muito forte, a decoração não deve distrair a atenção;
- a linguagem deve ser colorida, metafórica; gestos bem desenhados e bem medidos (como na mímica) ajudarão a apoiar a récita e a fazer compreender os detalhes; o tom deve variar conforme as circunstâncias;
- contador pode fazer participar o seu público: pedindo-lhes para repetir certas frases ou certos vocábulos chave para ajudar o herói, colocando-lhes questões, perguntando a alguns como agiriam na posição do herói...
- os jovens gostam do mistério, o fantástico, os efeitos de surpresa, o suspense... Mas atenção, não se deve exagerar! Atenção também ao facto de não se assustar certas crianças impressionáveis com detalhes sórdidos, asquerosos ou decididamente repugnantes! o conto é também um meio de educação escutista, não o devemos esquecer!
- é melhor parar se o auditório não acompanha a sequência da história, "desliga" ou manifesta sua impaciência; aliás, um contador de histórias prenderá mais a atenção dos espectadores se contar a história em diversos episódios breves (uma dezena de minutos por episódio), terminando todos com uma nota de suspense.; cria desta maneira uma atenção no auditório: os jovens terão pressa em escutar a sequência;
- treinar os jovens nos caminhos dos imaginários que eles não conhecem da televisão, dos jogos de vídeo ou do cinema: contos e lendas de todo o mundo, mitologia greco-romana, mas também lusitana e ibérica, narrativas de ficção-científica, contos de feitiçaria menos conhecidos...

## 3. Expressão e insígnias de competência e especialidades

O Corpo Nacional de Escutas encoraja as equipas de animação a propor actividades de expressão aos jovens. Encontramos na maioria dos manuais das metodologias educativas várias referências a actividades relacionadas com técnicas de expressão e comunicação. No manual "*Competências & Especialidades*" encontramos as competências de Actor, Cantor, Fotógrafo, Músico, Repórter/Jornalista, Saltimbanco...

A gama das actividades ou de projectos sugeridos para obter uma ou outra das competências relacionadas com a expressão. Eis um breve sumário:

- redigir um convite,
- conhecer um linguagem diferente (alfabeto fonético, morse, semaforico, linguagem por sinais),
- ler um texto em voz alta,
- conhecer códigos secretos,
- compor um poema, uma história ou uma canção,
- contar uma história,
- apresentar uma canção ou uma dança,
- inventar aplausos ritmados,
- executar um número de mímica,
- traçar uma pista,
- apresentar um sketch,
- animar uma velada ou um fogo de conselho,
- conceber uma campanha publicitária,
- fabricar e manipular marionetas,
- fazer truques mágicos,
- tocar um instrumento musical,
- corresponder-se com um escuteiro estrangeiro,
- tirar fotografias,
- montar um exposição,
- construir uma maquete,
- realizar uma montagem audiovisual ou um vídeo,
- construir um cenário,
- compor uma coreografia,
- preparar e animar uma actividade de desenvolvimento espiritual.

## 4. O fogo de conselho

Um acampamento sem Fogo de Conselho deixa de ser um acampamento, tal e qual como Baden-Powell o concebeu. Mas afinal o que é o Fogo de Conselho? Como surgiu? Naturalmente sabem as respostas, outros poderão não ter a certeza. Para desvanecer qualquer dúvida, aqui vão alguns conceitos e um pouco de história.

Este foi concebido por Baden-Powell, mas o "fogo ao ar livre", como conceito básico, já era praticado desde tempos imemoriais, tão velho como a descoberta do fogo.

Em tempos perdidos da História, os usavam os tais fogos ao ar livre para se reunirem em família e poderem afastar os animais perigosos. Entre tribos nómadas e povos guerreiros acendiam-se colunas de fogo para anunciar os perigos iminentes. Ao lado destes fogos, apareceram os de consumição e de destruição - os fogos crematórios! O Homem compreendeu assim que além de o servir, o fogo poderia ser sinal de destruição: ele aquece e queima! A chama torna-se então um símbolo de forças ocultas, de adoração e de sacrifícios a divindades e a falsos deuses.

É claro que Baden-Powell aproveitou a ideia para a reunião familiar, a reunião de amigos que viveram o mesmo dia e que participaram nas mesmas actividades, é este o significado do Fogo de Conselho! Segundo Léon Chanterelle, "é a transição entre o dia e a noite; a passagem da actividade ao repouso".

É pois uma actividade que procura encontrar o equilíbrio entre a excitação de um dia cheio de empreendimentos mais ou menos esgotantes, e a necessidade que cada um tem de se recolher e se fortalecer. Prepara cada um e todos para o repouso compensador que se aproxima. Uma reunião que dá para rir, cantar e jogar alegremente, em ambiente fraternal, a volta do fogo, no fim de um dia bem preenchido e activo; recolhimento e entrada em contacto com Deus, por parte de cada um de nós, para acção de graças e para pedir ajuda para o trabalho do dia seguinte. Este carácter profundamente religioso, em que a partilha e a revisão do dia que passou são tónicas, é o essencial dos nossos Fogos de Conselho. Esta comunicação assim constituída difunde por todos uma boa hora de alegria pura e são que os conduz por gradações sucessivas à meditação final do dia. Não pois no Fogo de Conselho actores e espectadores - há participantes. Todos devem ter um contributo real no desenvolvimento da Festa.

Nos nossos Fogos de Conselho, cada um procurará dar o máximo que pode si mesmo. Evitando sempre a falta de delicadeza e a vulgaridade, as "palavras para rir" e o ambiente superficial que visa alcançar um sucesso fácil, os vários números devem desenrolar-se em elevado nível artístico, atingindo o belo, provocando em todos os participantes manifestações de alegria e de felicidade por estarem presentes.

Resumindo: o Fogo de Conselho é a ocasião em que, em conjunto, se faz a revisão do dia, dos acontecimentos, do empenhamento de cada um e de todos no colectivo, do mundo, enfim. Revisão essa que é feita não através de palavras (quase sempre demasiado duras e violentas), mas por representações. É ainda a ocasião em que, para além da leitura dos acontecimentos, se faz a correcção fraterna dos erros de cada um para todos os outros.

## A preparação de um fogo de conselho tradicional

### O local do fogo

O terreno, de preferência plano, pode apesar de tudo ser ligeiramente inclinado. Em algumas ocasiões, como por exemplo durante acampamentos com grande número de presenças e em que a participação nos fogos de conselho é numerosa há vantagem em seleccionar um local relativamente inclinado, de preferência de anfiteatro, pois essa configuração resolve com felicidade os problemas de visibilidade da arena: pode para o efeito aproveitar-se uma saibreira, um barranco pouco alto, uma encosta livre de vegetação alta. A orientação do local deve ser cuidadosamente calculada, pois só assim se conseguem evitar surpresas tais como «banhos de fumo», calor excessivo, queda permanente de faúlhas, que fustigam normalmente uma boa parte dos participantes em fogos em que o aspecto tenha sido menos cuidado.

O quadro do fogo de conselho pode ser variado, desde que respeite as três condições básicas: amplo, selvagem e tapado. Pode ser:

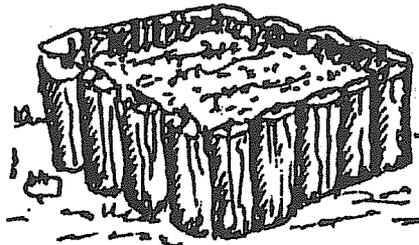
- Livre - como um planalto ou no terraço de um velho castelo, tendo o céu como último limite;
- Rodeado - dentro de uma clareira, que deve ser suficientemente espaçosa, de forma a reduzir o risco de incêndio;
- Tapado de um único lado - tendo por fundo a orla da floresta, uma barreira de árvores, uma sebe, um muro, uma parede de rocha...

Vemos pois que o local do fogo de conselho pode e deve influenciar os números desse mesmo fogo. Mas também pode suceder o inverso, ou seja, o repertório - escolhido com antecedência - vir a influenciar a escolha do local.

Dados os riscos de incêndio, o local do fogo de conselho deverá ser suficientemente afastado do acampamento, embora não tanto que no regresso seja impossível manter o silêncio e a interiorização atingidas no fim do fogo, até chegar às tendas.

Perto dos fogos deverão haver, como medidas de segurança mínimas, malhadouras feitas de ramos verdes amarrados a uma vara, podendo completar-se o dispositivo com sacos de areia, etc.

Por razões relacionadas com a fertilidade do solo, e se queremos que a natureza seja um espaço de vida, é de toda a conveniência acender as fogueiras sobre plintos feitos com pedras, ou com areia contida entre achas ou ramos (ver figura), evitando assim destruir naquele local as bactérias responsáveis pela fertilidade do solo.



O local escolhido deverá tanto quanto possível ser distante das estradas movimentadas, que destroem o silêncio da noite e impedem o recolhimento. Deverá também ser seco, pois a humidade impede a utilização do chão para assento.

#### A fogueira do fogo de conselho

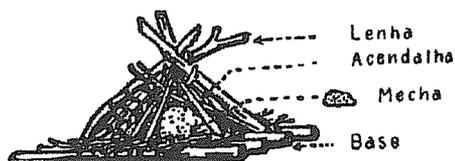
A fogueira para o fogo de conselho tem que ser preparada de tal forma que as suas labaredas subam crepitantes, altaneiras, vivazes, como que convidando, com a sua rubra alegria, os escuteiros a cantar e a participar.

Um monte de lenha colocada ao acaso não causa o efeito necessário e não traduz uma fogueira capaz para esta festa escutista.

A fogueira para o «fogo» prepara-se com os conhecimentos técnicos adquiridos ao longo dos anos nos acampamentos e, apesar deste assunto ser independente do dirigir e animar um «fogo», não deixa, contudo, dado o seu contributo para o bom sucesso desta actividade escutista, de ser importante a sua inserção neste módulo.

Muitas das técnicas escutistas concebidas por Baden-Powell evoluíram, como não poderia deixar de ser, mas a preparação duma fogueira mantém-se inalterável. Vejamos o ensinamento de B.-P. contido no seu livro *Escutismo para Rapazes*.

*"Não se aprende a acender o lume de ouvido. O erro comum do principiante é querer fazer uma fogueira muito grande. É coisa que o sertanejo nunca faz. Para o seu lume ele gasta o menos lenha possível. Começai por juntar a lenha. A verde, cortada de fresco, não presta; nem tão pouco a seca que há muito está caída. Para fazer o lume começa-se por deitar alguns paus no chão, principalmente se o chão estiver húmido. Nesta cama colocai a mecha, isto é, aparas, lascas, cavaquinhas ou qualquer outro combustível que facilmente se incendeie com um fósforo. Por cima, formando pirâmide, colocam-se ramos delgados, cavacos, achas de lenha seca, encostados uns aos outros sobre a mecha. Constituem a acendalha. Prepara-se uma acendalha boa rachando um pau em várias tiras como se vê no desenho; um pau assim chama-se morraca. Colocado verticalmente com as barbas para baixo depressa se acende e rompe em chamas. Acrescenta-se depois de alguns paus mais grossos e está o lume feito. Pega-se fogo a isto tudo, chegando um fósforo à mecha".*



O processo descrito é comum para a preparação de todos os tipos de fogueiras. Vamos, no entanto, particularizar alguns que se adaptam aos fogos de conselho.

#### Fogueira em pirâmide

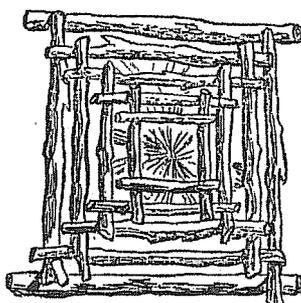
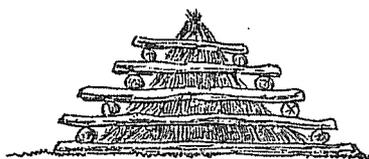
Este tipo de fogueira é o mais adequado para o fogo de conselho que se realiza em acampamentos nacionais ou regionais ou onde se reúnem muitos grupos e até assembleias de antigos escuteiros onde normalmente se juntam muitos familiares.

Na base forma-se um quadrado de 1 a 1,20 metros de lado, com troncos muito grossos, dentro do qual se faz a preparação anteriormente descrita.

Depois vão-se colocando troncos em escada, formando pirâmide e com diâmetros mais pequenos, conforme aquela sobe, até uma altura compreendida entre 1 a 1,20 metros do solo.

Os troncos devem ser suficientemente grossos, a partir de 15 a 20 cm de diâmetro, diminuindo até 10 cm, para que, nos espaços, se possam enfiar as tochas com que se acenderá o fogo.

Este tipo de fogueira, se for bem feito e com o interior bastante composto com os troncos finos dispostos em cone, dará a beleza das chamas crepitando pelos quatro lados e iluminando tudo ao seu redor.

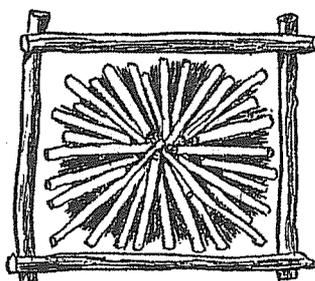
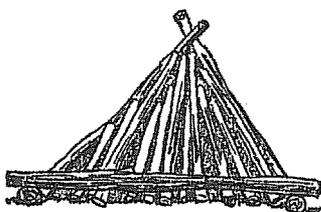


É uma fogueira de muita duração e necessita de pouca lenha para a sua manutenção.

Fogueira em cone

É outro tipo, também muito comum, mas apenas usado em «fogos» onde participam o máximo de três unidades, cerca de 70 a 80 escuteiros.

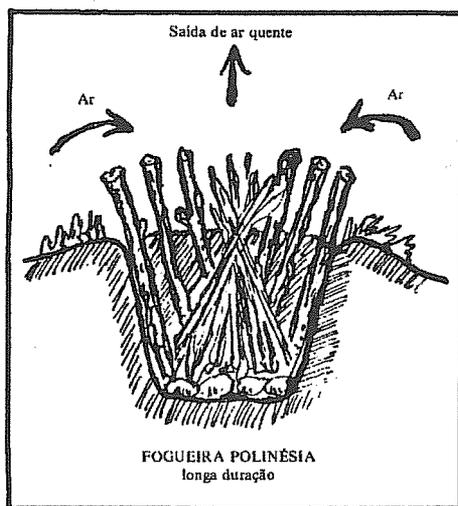
Como a anterior, forma-se um quadrado com 1 a 1,20 metros de lado e dentro dele, depois do habitual, dispõem-se numerosos troncos colocados em cone e cujo diâmetro oscila entre os 5 e 7 cm.



Esta fogueira dá bastante calor e as chamas subindo bastante altas e unifilarmente dão boa iluminação. Necessita, no entanto, de maior manutenção porque os troncos são consumidos rapidamente pelo fogo. Não deve sobrecarregar-se muito o cone para que o oxigênio possa penetrar livremente nos espaços e as chamas subam com alegria.

#### Fogueira polinésia

Este tipo de fogueira é muito interessante para um fogo comunitário em que uma unidade: alcateia, grupo ou clan, se reúne em volta da fogueira.



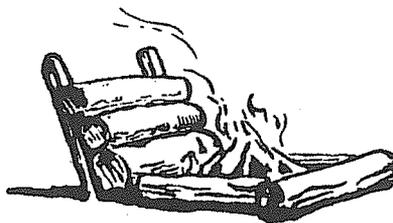
Começa por abrir-se um buraco quadrado com 40 cm de largura e outro tanto de profundidade. Coloca-se no fundo umas pedras para suporte dos troncos que são dispostos a toda a volta e que sobressaem um pouco fora do buraco.

Esta fogueira é de longa duração e manutenção simples, bastando para isso alguns troncos finos.

Dá pouca luz, mas é ideal quando tem de haver uma boa palestra à roda do fogo.

#### Fogueira canadiana

É também chamada a fogueira reflectora que se usa para o aquecimento da tenda nas noites frias de Outono ou Inverno, ou na neve como os canadianos a conceberam.



Executa-se a dois metros da entrada da tenda e com troncos grossos de 7 a 10 centímetros que se colocam como demonstra a gravura. Os troncos, formando espaldar, reflectem o calor para dentro da tenda, aquecendo-a.

É uma fogueira acolhedora para uma patrulha ou equipa, que poderá cavaquear, cantar ou dedilhar instrumentos musicais antes de recolher à tenda e mantendo-a acesa durante a noite se não houver vento forte.

Fogueira em estrela, ou fogo índio

Pode ser usada pelo grupo de pioneiros ou clã que, começando por ser o seu pequeno fogo de conselho, vai ser continuada pela noite dentro como motivo de vigília.

Traçam-se no chão quatro a seis canais nos quais se colocam outros tantos troncos de 7 a 10 centímetros de diâmetro e esboroados nas extremidades para mais facilmente pegarem fogo.



No centro faz-se uma pequena fogueira em cone que incendiará os troncos dispostos em estrela.

Esta fogueira é de longa duração, embora de muito pouco calor e luz. Os troncos vão sendo chegados ao centro conforme se vão consumindo.

No centro faz-se uma pequena fogueira em cone que incendiará os troncos dispostos em estrela.

Esta fogueira é de grande duração, embora de muito pouco calor e luz. Os troncos vão sendo chegados ao centro conforme se vão consumindo.

Cuidados e prevenções

Para qualquer fogueira são necessários cuidados e para as do fogo de conselho estes devem ser redobrados.

Em primeiro lugar, antes de se fazer a preparação da fogueira é necessário limpar muito bem o local do fogo de toda a espécie de detritos e ervas secas, num raio de três a quatro metros em redor.

O lugar escolhido deve ser uma boa clareira, bastante larga, de tal forma que as labaredas e fagulhas subam e rapidamente se extingam no ar sem chegar às árvores ou vegetação rasteira.

Não é aconselhável usar papéis e palhas leves para a mecha das fogueiras porque estes ardendo elevam-se no ar com muita facilidade e demoram algum tempo a apagar-se.

Apesar dos cuidados apontados a prevenção terá que ter o seu lugar. Assim, torna-se obrigatório arranjar, junto do abastecimento da lenha, meia dúzia de «vassouras» construídas com ramos de árvores que serão usadas para apagar qualquer foco de incêndio, se acaso isso acontecesse.

No mesmo local devem colocar-se dois baldes com areia, uma pá e uma enxada, que servirão para extinguir e tapar a fogueira findo o fogo de conselho.

Como nota importante diremos que se houver vento forte na altura do fogo de conselho, este não deve ser realizado, porque como diz o ditado «vale mais prevenir que remediar».

#### Abastecimento da fogueira

É importante haver um «arsenal» de lenha para abastecer a fogueira do fogo de conselho.

Como já dissemos este trabalho é feito pelos ajudantes do animador, pois só eles devem alimentar a fogueira.

O «arsenal» deve situar-se no local destinado ao ponto de apoio do animador e de forma que não estorve qualquer passagem ou actuação.

O «arsenal» deve ser composto por troncos de 3 a 5 centímetros de diâmetro, direitos e limpos de ramagens para não provocarem fagulhas.

Os troncos serão colocados em forma de pirâmide para mais facilmente serem retirados e colocados na fogueira.

#### Apagar o fogo

Terminado o fogo de conselho a fogueira só deve ser extinta depois de os escoteiros se terem retirado do local.

Apagar a fogueira com os escoteiros presentes, ou na sua debandada para as tendas, retira o brilho com que findou o fogo de conselho.

Depois de os escoteiros se terem retirado é que se apaga o brasido da fogueira e é um trabalho a levar a cabo por uma equipa de caminheiros com a presença de um dos ajudantes do animador.

O ideal será a fogueira ser extinta com água. Por isso nos fogos de conselho de grandes acampamentos será bom haver uma mangueira ligada à torneira da água.

Se não houver água deve bater-se o brasido com uma pá e depois cobri-lo com uma boa camada de areia ou terra para que assim fique abafado e não se propague com qualquer sopro de vento.

#### Disposição dos participantes

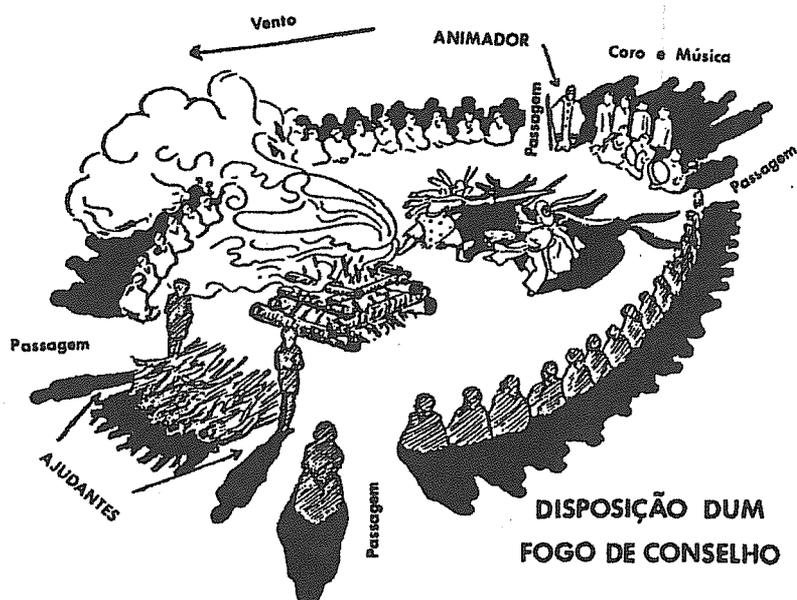
O fogo de conselho procura criar um clima de família. Para se conseguir esta finalidade primordial, o número de participantes não pode ser ilimitado, visto que:

- fogo só ilumina um campo restrito dentro do qual todos se sentem unidos. Para trás dele prolonga-se o escuro, e o frio, que isolam da festa, quem aí se encontrar;
- a voz humana é limitada e, ao ar livre, ainda mais;

- não se pode dispôr as pessoas em muitas filas, o que quebraria o ambiente comunitário. Por estas razões o círculo não deve ser muito grande nem o número de filas superior a 3.

A disposição das filas, pode também fazer-se em forma elíptica, o que permite um campo de acção mais amplo e livre, mais concêntrico, dando aos actores mais liberdade, não os obrigando a representar à volta da fogueira.

No entanto, nos «fogos» em que não há grandes representações e os «números» ocupam pouco espaço de cena, a forma circular é mais vantajosa, pois estando a fogueira no centro, permite maior proximidade e calor a todos.



### O papel do animador

O sucesso ou insucesso de um fogo de conselho depende em grande parte da actuação do animador. Ele é verdadeiramente a alma do fogo de conselho.

Um animador de fogos de conselho, porque requer características especiais, não se improvisa, mas pode todavia formar-se ao longo de um treino aturado.

É ele o responsável pela criação de uma atmosfera de unidade e pela boa organização, em torno do fogo, dialogando com o coro e conseguindo deste harmonia com todos os participantes.

Terá então o animador características especiais? Sem dúvida. Ele é antes de mais um dinamizador nato: não comanda, mais provoca, sugestiona e lança na acção. É um homem de voz forte. É um espírito imaginativo. Possui uma grande capacidade de improvisação e uma infalível oportunidade nas suas intervenções. Mas deve acautelar-se para não cair num erro infelizmente demasiado vulgar - ode, levado pelo cabotinismo, quase parecer um palhaço de circo. Mão pode esquecer-se que o fogo de conselho é a transição do dia para a noite, do cómico para o misterioso, da alegria para o amor, para a meditação e para a partilha.

Só assim poderá fazer com que o fogo de conselho nos transporte do mito da chama para o mistério do amor.

O animador do fogo de conselho deve ter dois ajudantes cuja tarefa é alimentar o fogo, avisar os grupos, escuteiros, patrulhas, bandos ou equipas que vão actuar e substituir, de quando em quando, o animador em algum aplauso ou canção em conjunto.

O animador e seus ajudantes deverão trabalhar bem sincronizados para não haver precipitações.

Os ajudantes devem ocupar sempre o seu lugar previamente definido, atrás do animador ou junto à pira da lenha, uma vez que o grupo de três tiraria o campo de acção do animador.

No caso de canções de repetição ou cânones, em que a assembleia se divide em dois ou mais grupos, os ajudantes tomam um grupo a seu cargo, não só para «segurar» os escuteiros, como também para os incentivar a cantar bem no momento próprio.

Um fogo de conselho deverá seguir sem tempos «mortos» ou esperas escusadas.

Tanto o animador como os ajudantes deverão ter uma cópia do programa do fogo, para saberem a sequência dos números.

Ora é preciso que os escuteiros, patrulhas, equipas ou grupos que vão actuar, sejam avisados a tempo para se evitar atropelos ou movimentos desagradáveis na quietude dum fogo de conselho.

Tudo se processa na maior calma e os avisos ou chamadas de atenção serão feitos pelos ajudantes do animador num ciclar de voz, para não perturbar quem está a executar a sua representação, nem desviar a atenção da restante assembleia.

Os participantes podem ser avisados da seguinte forma: quando a primeira patrulha está a actuar, um dos ajudantes informa a patrulha ou equipa que deve seguir-se-lhe e o outro ajudante comunica com os que vão actuar em terceiro lugar.

Quer dizer, por cada actuação serão prevenidos os dois participantes seguintes para que haja tempo de resolver qualquer questão, no caso de impossibilidade de actuação de qualquer patrulha, escuteiro, equipa ou grupo inscrito, ou até uma eventual troca de lugares.

Qualquer alteração será de imediato comunicada ao animador, aproveitando-se o momento em que os escuteiros executam as suas canções ou mímicas.

Aconselha-se uma prática muito importante durante o decorrer de um fogo de conselho, que é a de convidar um ou outro chefe dos mais antigos que esteja presente, para apresentar uma saudação, aplauso ou habilidade. Isto enriquece o programa e entusiasma os escuteiros que gostam de ver os seus chefes participarem nesta importante actividade escutista. Mas atenção: quando o animador anuncia a presença de um antigo chefe, um dos ajudantes deve procurar conduzi-lo de imediato para o "círculo do fogo", porque, normalmente, aqueles procuram não participar por julgarem estar destreinados ou desactualizados.

Os elementos do programa

Alguns elementos essenciais na constituição dum verdadeiro fogo de conselho:

- canções - religiosas, populares, regionais, estrangeiras, antigas, do campo, da montanha, marítimas, à lua, ao nascer e pôr do sol, à natureza, de repetição, de aplauso, com gestos simples, e para um pequeno coro;
- danças - simples, difíceis, portuguesas, regionais, estrangeiras, para crianças (por exemplo do «Livro da Selva»), com material e sem material;
- pequenas peças (sketches) - (compostas propositadamente para o fogo de conselho ou a ele adaptadas) de carácter cómico, sério;
- mímicas - individuais, em grupo, acompanhadas por instrumentos sonoros, cómicas, sérias, com «partidas»;
- jogos de inteligência - charadas, equívocos, adivinhas, enigmas, de ar livre, de interior;
- concursos - jogos espectaculares, exposições, demonstrações, desafios, com partidas, truques, com equívocos;
- habilidades - mistificação, prestidigitação, ilusionismo;
- narrações - resumos de anedotas, contos, lendas, novelas, romances, filmes...;
- cenários - inspirados em tudo: literatura, teatro, cinema, nos jornais, nas cenas vividas, na história, na Bíblia...;
- aclamação e entreactos - brados, gritos, exclamações;
- citações - frase célebres, pensamentos, provérbios...

### O ritmo do fogo de conselho

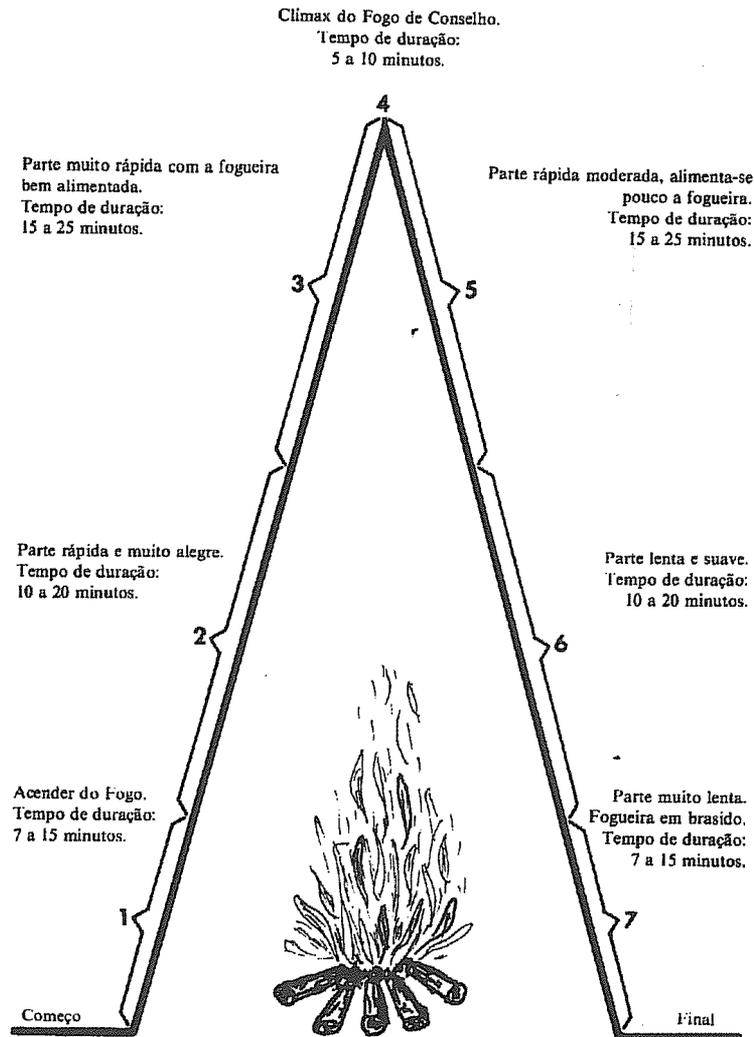
Podemos ver qual o ritmo de progressividade que deve ter o fogo de conselho, através do ritmo da fogueira.

Quando se acende a fogueira ela começa a atear e vai aumentando progressivamente de intensidade (luz e calor). Coloca-se mais lenha até que atinge o ponto máximo. Depois ela vai baixando de intensidade até que fica só com brasas (pouca luz).

Também o ritmo das representações deve elevar-se a pouco e pouco, passando por uma parte rápida e muito alegre, outra muito rápida até ao clímax do fogo de conselho, começando depois a decrescer de ritmo para uma parte moderada, outra parte lenta, terminando muito lentamente.

O fogo de conselho não deve ser uma actividade totalmente ruidosa, cheia de canções rápidas e sonoras, com gritos e anedotas do princípio ao fim.

O diagrama, que a figura a seguir nos apresenta, demonstra como se processa o desenvolvimento do programa do fogo de conselho.



Vamos analisar, número a número, desde o começo até ao final, as diversas fases do fogo de conselho:

### 1. começo com o acender do fogo

- abertura com o ritual que a grandeza da actividade o justificar;
- canção de abertura (Hino ao Fogo ou outra);
- palavras do chefe de campo;
- acordes suaves de violas ou outros instrumentos;
- poesias ou entreactos sérios;
- canções escutistas;
- canções populares;
- aplausos.

### 2. parte rápida e muito alegre (alimenta-se bem a fogueira

- números cómicos;

- música instrumental;
- anedotas ou poesia cómica;
- entreactos cómicos;
- aplausos fortes;
- canções escutistas;
- canções populares.

### 3. parte muito rápida (alimenta-se bem a fogueira)

- partidas ou graças;
- música barulhenta com instrumentos improvisados;
- entreactos muito cómicos e rápidos;
- canções escutistas;
- canções populares;
- aplausos.

### 4. climax do fogo de conselho

Neste momento a fogueira está no máximo e é altura para se fazer uma pausa.

Aproveita-se a ocasião para o chefe falar, homenagear escuteiros ou personalidades e oferecer lembranças (depois não se alimenta mais a fogueira).

### 5. parte rápida e moderada

- música instrumental;
- entreactos e poesias moderadas;
- canções escutistas;
- canções populares;
- aplausos.

### 6. parte lenta (a fogueira começa a esmorecer)

- poesias dramáticas;
- entreactos sérios;
- música de viola;
- canções escutistas;
- canções populares;
- aplausos.

### 7. parte final, muito lenta (a fogueira quase em braseiro)

- música de violas (dolente e séria)
- cânones sérios;
- canções escutistas;
- canções populares;
- meditação;
- oração;
- silêncio.

## Preparação do fogo de conselho

O êxito ou fracasso de um fogo de conselho depende do facto de se encarar seriamente ou não a sua preparação.

Em primeiro lugar é necessário saber quantos grupos actuantes vão participar afim de fixar o *tempo de actuação dos grupos*.

Um fogo de conselho tem um tempo de duração limitado. Se for um fogo de conselho de unidade ou agrupamento, uma hora ou hora e meia é suficiente. Se for um acampamento regional ou nacional e tratando-se do fogo de conselho principal, duas a duas horas e meio deve ser o máximo.

Depois há que fazer o *levantamento dos números*. A melhor altura é no próprio dia de manhã ou, em última hipótese, durante o jantar para dar tempo ao animador do fogo de conselho de estabelecer uma ordem de entrada dos vários grupos, tendo em conta o tipo de representação.

Depois de Ter recolhido todos os números, não esquecendo de anotar o tempo de duração de cada um, selecciona-se o material da seguinte forma: números dramáticos, números cómicos, canções rápidas, canções lentas, cânones, diversos. Feita esta selecção será fácil localizar cada número no diagrama para actuações no fogo de conselho e também o tempo respectivo afim de equilibrar o programa.

Para fazer o levantamento dos números pode-se utilizar uma folha com o seguinte cabeçalho:

LEVANTAMENTO DAS ACTUAÇÕES PARA O FOGO DE CONSELHO					
Agrupamento	Patrulha Equipa	Designação das actuações	Categoria	Tempo em minutos	Nº de Entrada

Entretanto é feita uma outra folha com o programa do fogo de conselho:

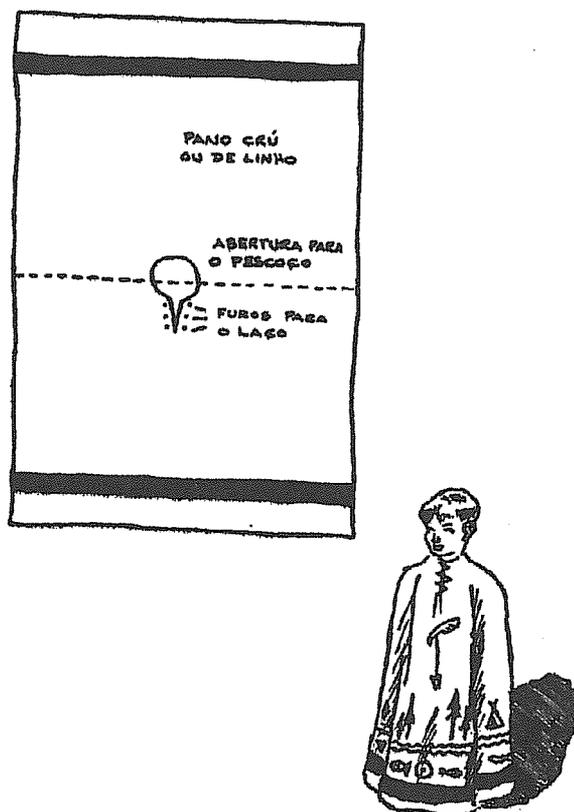
MODELO DO PROGRAMA PARA O FOGO DE CONSELHO				
Nº de Entrada	Agrupamento	Patrulha Equipa	Designação das actuações	Tempo em minutos

### Cerimonial do início do fogo

Escolhido de antemão o melhor local para o fogo de conselho, amontoada a lenha no local próprio, é no centro (ou num dos focos da elipse), convenientemente disposta, um pouco de lenha para a fogueira, os participantes começam, então, a dirigir-se para o referido local, ocupando cada um o respectivo lugar.

Cada um apresenta-se com a «indumentária» própria (cobertor, gorro, etc.) podendo dar-lhe uma forma original. Depois de ocupados os lugares, impõe-se o silêncio. A fogueira, até agora apagada, vai iluminar o espaço. Algumas vezes este acto reveste-se de especial solenidade ao dar-se a "honra de acender a fogueira" a alguém. Constrói-se um pequeno archote que pode acompanhar o acto de entrada dos escuteiros no fogo. transportado à frente pelo animador. Este, quando todos tiverem entrado, entrega-o ao chefe que por sua vez se dirige a algumas das visitas ou a um escuteiro que de algum modo se distinguiu durante o dia. A pessoa designada acende então a fogueira. Depois de acesa, o «ao redor da fogueira» (ou outra canção equivalente) assume agora o seu pleno sentido, quando cantado por todos. Um acto simbólico semelhante, poderá ser o seguinte: coloca-se um pequeno cepo junto do assistente e, ao lado, um machado. Neste momento pega no machado e com um golpe preciso cravado cepo, ao mesmo tempo que pronuncia algumas palavras explicativas. Está aberto o fogo de conselho.

### A túnica do fogo de campo



## O cerimonial de fecho do fogo

Na parte final tender-se-á naturalmente para um *diálogo simples e fácil* entre todos, sobre o dia passado, ou sobre qualquer outro assunto. Algumas vezes este diálogo será completado com as palavras do assistente. Quando há ambiente favorável e as circunstâncias o permitem, é mais proveitoso o diálogo. Neste caso, o animador coordenará as opiniões e fará a sua crítica á actividade do dia. A terminar esta reflexão, uma pequena leitura fornecerá elementos óptimos para a meditação. Concluir-se-á com a oração da noite e um pequeno cântico (por exemplo: «o dia chegou ao fim»).

## 5. As veladas

De vez em quando, falamos indiferentemente de velada ou fogo de conselho. É verdade que uma velada se pode desenvolver da mesma forma que um fogo de conselho e que um fogo de conselho é uma forma de velada, mas chegou a altura de fazer uma distinção entre um serão à volta de uma fogueira e a velada sem fogo, em particular se ela se desenvolve no interior.

O fogo não é sem dúvida o elemento central, a atmosfera é diferente. A atenção está concentrada mais sobre a variedade e a originalidade das apresentações. A iluminação e o cenário permitem apresentar números mais elaborados que nos fogos de conselho. Marionetas, pantomina, por exemplo.

Por outro lado, o fogo de conselho reveste-se com frequência de um carácter íntimo e de convivência que uma velada nunca terá, principalmente se ela se desenrola perante um público convidado que servirá de auditório aos jovens que apresentam o seu número.

São estas as distinções relativas. Um fogo de conselho pode desenrolar-se na presença de um público convidado (pais e amigos), assim como uma velada sem fogo se pode desenrolar na intimidade e na exercitação da espontaneidade.

Fixemos finalmente que a maioria das regras de animação que se aplicam a um fogo de conselho também se podem aplicar a uma velada sem fogo.

---

### Notas

---

1. - Baden-Powell, *Manual do Lobito*, p. 170 .
2. - Baden-Powell, *Auxiliar do Chefe Escuta*, p. 61.
3. - Existem diversos cancioneros publicados quer por agrupamentos do C.N.E. quer grupos da A.E.P.
4. - Ver o módulo ESO 1005 *Princípios fundamentais do escutismo*.
5. - Ver o módulo ESO 1201 *Símbolos e tradições escutistas*.
6. - Cada jamboree mundial tem a sua canção (hino) oficial; as canções (hinos) dos 14 primeiros jamborees (de 1920 a 1975) foram objecto de uma recolha *Sing Jamboree*, publicada pelo Bureau mundial do escutismo em 1979.

## Pedagogia

Aprender a tocar um instrumento musical.

Compor canções escutistas (escrever a letra sobre músicas conhecidas).

Escutar discos ou cassetes de canções escutistas.

Assistir a um fogo de conselho

Encontrar-se com um animador de fogos de conselho com experiência e partilhar as suas experiências.

## Fontes de Informação

Ferreira, Pedrosa, *Expressão audiovisual*, Edições Salesianas, Porto, Outubro de 1987.

Ferreira, Pedrosa, *Jogue connosco*, Edições Salesianas, Porto, Janeiro de 1986.

Inácio, Armando, *O Fogo de Conselho*, edição dos serviços de divulgação do Grupo nº 94 - Lisboa, da Associação dos Escoteiros de Portugal, Lisboa, 1983.

*O Fogo de Conselho*, revista "Flor de Lis", nº 7, Agosto de 1980, pp. 2-20.

Junta Regional de Lisboa do C.N.E., *O Fogo de Conselho*, caderno de caça nº 4.

## Avaliação da Formação

O adulto em aprendizagem deve:

- fazer realçar o valor pedagógico da expressão no escutismo;
- conhecer as técnicas de expressão mais populares junto dos jovens;
- apresentar aos jovens:
  - uma canção
  - um aplauso ritmado
  - uma dança
  - uma pantonima;
- ajudar os jovens a preparar uma pequena representação (sketch);
- organizar um fogo de conselho ou uma velada;
- animar, na qualidade de animador, um fogo de conselho ou uma velada.